

ave maria

EDITORA AVE MARIA - REVISTA QUINZENAL - ANO LXXVIII - 30 DE AGOSTO DE 1976 - CR\$ 2,50

16

QUANDO O EVANGELHO É COMPREENDIDO

LUCIANA NÃO ACREDITA EM AMIZADE

O DESTINO É VERDADE?

A ROSA... A VIDA... VOCÊ...

UM PEQUENO INVENTOR DE CORAGEM

OS MISSIONÁRIOS AINDA FAZEM O BRASIL

Taítxowã, menina tapirapé da aldeia Tapirapé, no nordeste de MT. Foto de Antônio Carlos Moura Ferreira.





Coloque os sonhos do seu filho no seguro do Top Club Bradesco. Você garante o futuro da sua família e o de milhares de crianças.

O seguro de vida e acidentes pessoais do Top Club Bradesco é a certeza que sua família tem de crescer do sonho até o futuro.

Você sente essa certeza quando tem nas mãos vantagens concretas como estas: o Top Club Bradesco tem os melhores planos do Brasil para seguro de vida e acidentes pessoais.

Você pode optar por um plano de maior valor, independente de carência ou taxa.

Qualquer que seja a sua idade - até o limite de 60 anos incompletos - o Top Club apresenta sempre o mais alto valor segurado pela menor mensalidade.

Todos os lucros do Top Club vão para a educação, roupas, saúde e alimentação de milhares de crianças em todo o Brasil.



E todas as mensalidades que você paga, e que debitamos na sua conta todo dia 25, você deduz do seu imposto de renda até o teto permitido.

O mais importante vem agora. Ao mesmo tempo que você protege sua família com o seguro do Top Club, você está dando escolas, alimentação e roupas para milhares de crianças em todo o Brasil. O Top Club é uma organização sem fins lucrativos, e todos, todos os lucros são destinados à Fundação Bradesco que cuida dessas crianças.

Agora, some todas essas vantagens à eficiência Bradesco e à garantia dos dois maiores grupos seguradores latino-americanos: Atlântica Boavista e Sul América.

Depois de um seguro do Top Club Bradesco sua família pode sonhar tranqüila com o futuro.

E milhares de crianças também.



TOP CLUB BRADESCO

garantido pelos Grupos Seguradores Atlântica Boavista e Sul América



Fundada a 28 de maio de 1898
Publicação quinzenal registrada
no S.N.P.I., sob o n.º 221.689,
no S.E.P.J.R., sob o n.º 50,
no R.T.D., sob o n.º 67
e na DCDP do DFP,
n.º 499. P. 209/73.
BL ISSN 0005-1934.
Publicada na cidade de
São Paulo, Brasil.
Propriedade da Editora
Ave Maria Ltda.

Diretor e redator: Athos Luís Dias da Cunha.

Diagramação e Arte: Cláudio Gregianin e Carlos Alberto Pereira.

Colaboradores: D. Vicente Scherer, Silva Neiva, José Fernandes Oliveira, Maria do Carmo Fontenelle, Olga Jaguaribe Ekman Simões, Elias Leite, Kênio Sná e Casemiro Campos.

Fichário: José Rodrigues de Almeida, Antônio Vaz Diniz e Fabíola Ramos Caraméz.

Circulação e propaganda: Geraldo Moreira, Joaquim Castro, Nelson Kerntopf, Antônio T. Sato, Antônio Caetano Pereira e Afonso de Marco.

Redação e Publicidade: Rua Martim Francisco, 636, 4.º andar — Telefone: 66-9296 — C. P. 615 01000 — São Paulo

Composição, fotolito e impressão: Oficinas Gráficas da Editora Ave Maria Ltda.

Rua Martim Francisco, 636 (Santa Cecília) — São Paulo.

A assinatura da AM pode ser feita em qualquer época do ano. O pagamento poderá ser enviado em cheque (pagável em S. Paulo), vale postal ou valor declarado em nome da Administração da Revista Ave Maria.

— Nas pequenas cidades, onde estas formas sejam difíceis, pode-se enviar a importância em selos de correio.

A maioria das cidades são visitadas por nossos representantes que renovam as anuidades a domicílio.

PREÇOS:

Número avulso Cr\$ 2,50
Ass. anual (simples) .. Cr\$ 40,00
Ass. de benfeitor Cr\$ 60,00

Representantes locais da AM:

São Paulo: Rua Martim Francisco, 636 — 3.º andar — Telefone 66-9296

AVISO AOS ASSINANTES

Brevemente o Irmão Antônio Sato visitará os assinantes da Ave Maria em Porto Alegre, RS.

O sr. Ernesto Guedes de Camargo, residente em São Carlos (SP), na rua Benedito da Silva, 1056, é nosso representante junto aos assinantes de São Carlos, Ribeirão Bonito, Dourado, Boa Esperança do Sul, Bocaina, Bariri, Itaju, Jau, Mineiros do Tietê, Dois Córregos, Brotas, Rincão, Matão, Taquaritinga, Sta. Ernestina, Dobrada, Itápolis, Ibitinga, Borborema e Novo Horizonte.



OS MISSIONÁRIOS AINDA FAZEM O BRASIL

O experimentado cantador do "bingo" em família procura sobrepor-se à barulhenta distensão ao redor com sua ladainha pitoresca:

— Dois patinhos na lagoa... 22.

— Ponto no pé, 9 é.

— A lei de Mato Grosso... 44.

— O que ele quis dizer com isso? perguntou alguém ao vizinho.

— 44 é o calibre de uma arma, explica o outro.

Exatamente nesta noite (15-7-76) os jornais e a televisão espalhavam que um numeroso grupo de fazendeiro, posseiros e jagunços haviam invadido a Missão de Merure, em Mato Grosso, matado o Pe. Rodolfo Lunkenbein, missionário salesiano, o índio bororo Simão e ferido mais quatro bororos.

Tão fechados andam esses sertanistas em sua própria visão, que não são capazes de desconfiar que os bororos estão lá muito antes deles. Tão fechados andam esses sertanistas em sua própria visão, que Brasília não lhes entrou nas cogitações, fica muito além do Araguaia, lá no fim do mundo! O mundo ocidental, então, por onde circularia à farta a notícia de sua agressão, para eles deve situar-se no planeta Marte.

Cuidando impedir a demarcação da área indígena, sob violência, por medo, nem vislumbraram que estavam fortificando a Funai para prosseguir com mais rapidez e se-

gurança na salvaguarda da sobrevivência indígena.

Com este episódio afluíram à tona fatos lamentáveis ao estilo da lei do 44. O próprio cartório do prefeito de Barra do Garças teria expedido ilegalmente registros de posse das terras dos bororos (O Estado de São Paulo, 20-7-76, pág. 28). Este nome tem surgido tristemente na imprensa e, para maior tristeza nossa, foi julgado capaz de 'exprimir o senso comum dos féis, tão afinado com o modo de sentir da Igreja' por alguns desavisados sacerdotes (Lar Católico, 23-5-76, pág. 5).

Depois de um mês e meio, a agressão à aldeia de Merure se tornou um fato velho. Há tantas novas sensações para alimentar os meios de comunicações! Mas nós guardamos a lembrança deste exemplo de quem entendeu e atendeu aos apelos do Evangelho:

Um cristão, nascido na civilização alemã, vem ao Brasil não para conviver com a faixa civilizada, com os europeus transplantados para cá, mas com a população encurralada dos índios; compartilha a sorte deles e morre com eles.

Que as mortes do Pe. Rodolfo e do bororo Simão, como a de Cristo, valham para a salvação desse mundo ainda violento e colabore para a solução do problema indígena e dos posseiros neste país.

Gesto fraterno da S. S. Vicente de Paulo

"O que nos induz a este pequeno diálogo com os amigos da Ave Maria, além da beleza espiritual e do desejo promocional de cada membro da S.S.V.P. (isto é uma realidade incontestável), é falar de um acontecimento em Ribeirão Preto (SP), onde existem Conselho Central, vários Conselhos Particulares, Conferências de Confrades: Mistas, de Jovens e femininas, assim chamadas hierarquicamente.

Vicentinos locais souberam que Joseph Rouast, a mais alta figura administrativa da S.S.V.P., em caso, Presidente do Conselho Geral de Paris, trazia ao Brasil, além de sua visita fraternal, a incumbência de conseguir algum recurso para os irmãos flagelados do Líbano. Reuniram-se e unanimemente deram seu apoio material e espiritual. Rezaram pela libertação, paz e amor desse povo maravilhoso e entregaram mil dólares para que fossem encaminhados ao Presidente do Conselho Superior Libanês que, enfrentando todos os perigos, luta, socorre, ampara, não teme a ninguém, porque tem junto o amor de Deus." (Ottorino Rizzi, Ribeirão Preto, SP)

O Valor do Seminário



"Estive 9 anos no Seminário Diocesano de Campinas. Deixei-o há 3 anos, quando nada mais restava lá. Foi a época justa de vê-lo crescer, minugar e morrer. Mas deixa ainda hoje muitas saudades.

Lendo as palavras do Cardeal Scherer, venho confirmá-las. Não há perfeição

absoluta no processo educativo, nem na família, nem na escola. E o Seminário também não o é, mas o que se vive lá dentro é extraordinário. O que se propaga do seminarista como tímido, bisonho e acañado, essa mentalidade há muito formada é inexata e exagerada.

Mas o Cardeal diz algo que me surpreende: 'Não faltam candidatos ao sacerdócio... Os Seminários da Arquidiocese têm mais alunos do que nunca.' Mas, logo a seguir, ele diz: 'Mais que alunos, faltam sacerdotes e dirigentes preparados para esta missão educadora...' Ora, sr. diretor, todos sabem que nos grandes centros urbanos os seminários estão míngua. Sem querer desmerecer S. Em.^a o Cardeal, acho que ele esteve apenas preocupado em dar uma boa imagem desse lado da Igreja.

Sou a favor de todos os votos que o sacerdócio exige: castidade, celibato, caridade, sacrifício, etc. São coisas da vida do padre. Mas não vejo por que um padre não possa ser um médico, um sociólogo, etc., tendo que se dedicar aos estudos filosóficos como causa primordial, assim como foi aqui. E os jovens, sem opção, saiam." (José Cláudio Grego, Campinas, SP)

Você está com os olhos fixos no que tem acontecido ao seu redor, José Cláudio. Mas D. Vicente Scherer se referiu à Arquidiocese de Porto Alegre, e não exagerou. Outras dioceses (mas nem todas) devem dizer com o mesmo otimismo que não faltam vocações para seus seminários. O Pe. Zezinho também tem escrito com euforia sobre o assunto, porque nos seminários dos Pes. do Sagrado Coração de Jesus não sobram lugares.

Por via de regra, o padre não deve ser médico ou sociólogo simplesmente porque o homem é limitado. Mas há padres médicos e sociólogos, excepcionalmente. Não se entende, porém, por que, querendo o seminarista também ser médico ou sociólogo, não deva estudar filosofia! Todas as ciências são fragmentárias, apresentam aspectos da realidade, só a filosofia dá uma visão de conjunto sob a luz da razão, enquanto a religião dá esta visão sob a luz da revelação. Temos visto

que, quando os seminários não ensinam filosofia ou brincam de estudar filosofia, os alunos não agüentam o impacto dos estudos superiores.

Essa de que "os jovens (seminaristas), sem opção (de serem médico ou sociólogo), saiam (do seminário)" é muito curiosa e prova que você não se adestrou na filosofia.

Revista Ave Maria



"Queiram aceitar os meus parabéns pelo extraordinário progresso que a revista Ave Maria vem obtendo desde a qualidade do papel até os artigos nela escritos.

Sendo assinante há 20 anos, tomo a liberdade de dizer isto porque, em minha casa, todos querem ser o primeiro a vê-la, quando a mesma chega. Muita coisa boa. meus três filhos têm tirado para fazerem seus trabalhos escolares.

Estou enviando a quantia para o pagamento das assinaturas dos anos de 1975 e 1976. Ficaria muito grata, se publicassem apenas o recebimento do dinheiro para que eu tenha a certeza de que chegou a seu destino." (Philomena Ricci Frediani, Vinhedo, SP)

Tornou-se impossível publicar o recebimento das anuidades na revista como há 5 anos. Mas a todos que pagam por cheque ou por vale postal lhes é remetido o conveniente recibo.

**SETEMBRO,
MÊS DA BÍBLIA.
PEÇA SUA BÍBLIA
DA "AVE MARIA"**

Teatro religioso

"Foi com grande alegria que consegui fundar um grupo de teatro religioso com meus alunos. A fundação se deu no dia 10 de julho com missa solene na matriz de Santa Gertrudes, em Cosmópolis, havendo a participação de muitos católicos do lugar e até dos que não o são. O grupo se chama Grupo de Teatro Santa Notburga.

Os alunos, em número de 19, entraram na igreja uniformizados em branco e preto, e uma aluna levava o estandarte de Santa Notburga, pintada por um senhor de Cosmópolis, e foi entronizado diante do altar. Após, houve uma leitura dramatizada da vida da padroeira por integrantes do grupo que, a pedido do próprio Mons. Rigotti, foram aplaudidos ao final da leitura. Recebi muitos elogios por parte do Mons., do padre celebrante e de alguns membros da paróquia." (Francisco José Vignando, Cosmópolis, SP.)

Assinante modelo



"No próximo dia 27 de agosto completa 92 anos de vida uma assinante que vem da data de 1909. Ela é assinante há 65 anos: Maria das Dores Horta de Andrade, viúva de João Villela de Andrade. Na fotografia, representantes das quatro gerações Villela de Andrade.

Moisés Villela de Andrade ex-Presidente da Câmara

Casa Branca, 24 de julho de 1976."

LUCIANA NÃO ACREDITA EM AMIZADE



— É tudo interesseiro! Não existe amor puro, nem amizade sincera. Todas as pessoas querem sempre alguma coisa em troca. Ninguém dá sem querer receber. Esta é que é a verdade...

Foi o que Luciana me disse, naquela manhã de reflexão, quando descemos para tomar um cafezinho.
— Você falou muito "legal" sobre amizade, mas, por mais bem que eu lhe queira, sinto ter que discordar. Você acredita demais nas pessoas. E não existe gente capaz de amar sem querer alguma coisa em troca. Amizade pura é um belo ideal que até hoje ninguém, só Jesus talvez, conseguiu viver.

E Luciana continuava, com aquela carinha inteligente e cheia de mil perguntas, olhando-me direto nos olhos, a exigir uma resposta que a convencesse do contrário. Comecei então a responder com bastante calma e um sorriso de irmão mais velho. Ela me ouvia séria, com aquele olhar zangado de quem quer saber a verdade sem reticências, mas com aquela atenção de quem se sente vidrada num assunto de vida e morte.

— Você está exigindo de mim, e de todos nós que trabalhamos com vocês, uma resposta fulminante que liqüide o assunto de uma vez por todas. E isto não é possível, Luciana. E fui dizendo, mais ou menos, estas coisas: Amizade não é coisa que a gente possa catalogar. Amizade não é o encontro de duas pessoas que não esperam nada uma da outra.

Amizade não é abnegação total ao ponto de não se querer nada, nada, nada em troca. Amizade não é amor perfeito e muito menos perfeição absoluta.

O amigo é um sujeito limitado. Ele precisa amar dentro de limitações. E precisa ser amado dentro das suas limitações. Você não pode ser amiga de suas amigas de maneira tão desinteressada, que nada espere delas. Você pode e tem o direito de esperar alguma retribuição, pois amizade não é estrada de mão única. É o relacionamento de duas pessoas limitadas que dão um pouco e esperam receber um pouco uma da outra.

Existem pessoas que conseguem amar sem esperar nenhuma retribuição, mas isto não significa que não esperem algum resultado de seu amor. O próprio Deus, que nos ama tanto, espera uma resposta de cada um de nós.

Amizade pura, no sentido de dar sem nada esperar do que se deu, de fato não existe. Mas ela pode ser pura no sentido de se dar, sem querer a mesma coisa ou algo ainda maior em troca. Eu posso, por exemplo, dar tudo de mim para que um amigo meu pelo menos deixe de se drogar. Isto já me faria feliz. Se me trará benefícios, não interessa. Já me trouxe a alegria de saber que ele provavelmente sofrerá menos ao se libertar de um vício que destrói e corrompe a vontade e o físico.

Você procura uma amizade perfeita que caiba no seu conceito de doação total. E não admite que a amizade pode

ser grande, completa e suficientemente divina para construir duas pessoas, ainda que estas permaneçam limitadas e muitas vezes precisando uma da outra.

O bom amigo é aquele que nunca precisa do outro ao ponto de lhe tirar a liberdade. Bom amigo é aquele que nunca ajuda o outro de tal forma que depois tire do outro a liberdade de responder.

Sou um bom amigo, se ajudo sem depois ficar cobrando retribuição pelo que eu fiz. Sou um bom amigo se, tendo sido ajudado, mostro-me agradecido, mas não me fico torturando para descobrir uma forma de não ficar devendo... Pago o que devo não porque com isso estou quites na amizade e, sim, porque por honestidade devo retribuir a quem se lembrou de mim quando eu precisei e não quero que ele venha a ter necessidades maiores do que as minhas.

Não procure, pois, amizades perfeitas. Procure amizades de gente imperfeita buscando juntas o mútuo aperfeiçoamento. Entende?

Luciana tem dezenove anos. E continua, com aquela carinha zangada e inteligente, a querer uma resposta! Seu coração tremendamente feminino está muito machucado, porque, um dia, aos quinze, ela constatou que até mesmo os maiores amigos às vezes costumam falhar ao compromisso. E, desde então, Luciana tem um problema: AMIZADE PURA... EXISTE?

Consultório Popular

- Aqui respondemos a perguntas sobre a vida cristã, a história, as leis e os costumes da Igreja, a moral e a teologia, a Sagrada Escritura e a liturgia.
- Assuntos mais delicados e pessoais são respondidos por carta. Favor enviar selos para a resposta. Correspondência para:

Pe. Diretor da AM — Caixa Postal, 615 — 01000 — São Paulo

O DESTINO É VERDADE?

1.574 *Tudo o que acontece para mim como para os demais, eu digo: é o destino. Cada um tem o seu traçado. Eu pelo menos acredito que haja destino. (Assinante)*

Parece-me que o motivo pelo qual a maioria do povo, mesmo sendo católica, acredita no destino, é porque julga os fatos depois de acontecidos. É claro, depois que tudo aconteceu, aí ninguém pode mudar nada.

Depois do desastre fatal, fulano não pode mais deixar de dirigir com sono. Mas antes de começar a viagem, ele bem podia e devia ter dormido e viajado mais tarde. Deste modo o desastre não teria ocorrido. O desastre, portanto, não era necessário.

O motorista impaciente quer ultrapassar um caminhão lerdo na lombada em momento de neblina. Lembra que não pode, é perigoso, é proibido. Não ultrapassa. Acontece o desastre? Não! Se ele desobedece, tentar ultrapassar e acabar chocando-se com outro veículo, isto é destino? Não, imprudência pura.

Coloque-se, pois, antes de os fatos acontecerem e perceba como os homens podem evitar tantas tragédias.

A crença no destino leva a conseqüências desastrosas que o povo não chega a tirar. Se é verdade o destino, então ninguém é virtuoso ou pecador. Ninguém tem responsabilidade de nada. Se há homens obrigados a serem ladrões e assassinos, com que direito a sociedade os retém em prisões?

É diferente dizer que Deus dá a cada um sua missão própria para realizar na terra, que cada um tem o seu traçado pela Providência divina. Mesmo assim, Deus pede o consentimento do homem, conseqüente consigo mesmo, já que deu o livre arbítrio a sua criatura.

O Senhor escolheu a Virgem Maria para Mãe de Jesus, mesmo assim enviou o Anjo para pedir-lhe o consentimento (Lc 1, 26-38).

A PRIMEIRA DIOCESE

1.575 *Em que ano foi fundada a primeira diocese no mundo e no Brasil e quais os lugares onde foram fundadas? (A.R.B.)*

Lendo a primeira História da Igreja, que é o livro dos Atos dos Apóstolos, escrito por S. Lucas, sabemos que a primeira Igreja foi a de Jerusalém, logo após a morte e ressurreição de Cristo, nascida no dia de Pentecostes. Sabemos ainda que o seu primeiro bispo foi o Apóstolo S. Tiago, o Menor (At 12, 17; 15, 13-21; 21, 18). Só mais tarde o território sujeito à jurisdição e à vigilância pastoral do bispo começou a chamar-se diocese, tomando o nome de uma circunscrição administrativa do Império Romano, já que os territórios da jurisdição espiritual em grande parte coincidia com os da jurisdição civil.

Quanto ao Brasil, nos textos de História do Brasil se acha a resposta. A primeira diocese foi a de Salvador, na Bahia. Por isso o Arcebispo de lá se chama Primaz do Brasil. Criou-a o Papa Júlio III aos 25 de janeiro de 1551. O primeiro bispo D. Pedro Fernandes Sardinha, da diocese de Évora (Portugal). Embarcando em 1556 para a Europa a fim de resolver intrincadas questões com o poder civil, o navio de D. Pedro naufragou nas costas de Alagoas e foi morto com a maioria das náufragos pelos caetés.

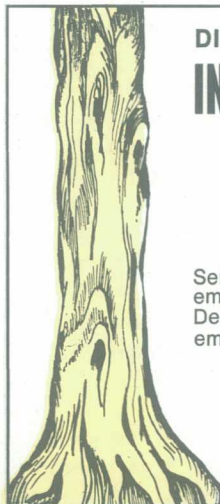
PROMESSAS MAL FEITAS ATRAPALHAM A VIDA?

1.576 *Meus pais fizeram a promessa de eu receber os sacramentos em minha terra natal. Só fui batizada lá, fiz a primeira comunhão e fui crismada aqui. Já estou noiva, mas sem esperanças de realizar o casamento. Ele não concorda em morar onde eu quero. Parece que tem uma "trava" em tudo na minha família. (M.L.M.M.)*

Você precisa convencer-se de que a promessa obriga aquele que a faz. Seus pais não podiam prometer para você cumprir. Essa promessa não obriga. Além de que não tem sentido. Você pode casar em qualquer lugar. Os contratemplos de sua vida (que existem na vida de todos) nada têm a ver com a primeira comunhão e a crisma não recebidas na terra natal.

Se você não quer morar onde seu noivo quer morar só por causa da promessa dos pais, mude de idéia e vá com o noivo. Se não é por causa disso, então é melhor não casar. Vocês não são capazes de combinar no primeiro problema, como enfrentar os demais? Combinar quer dizer ceder cada um a parte que lhe toca.

Quem põe "trava" na vida da gente é a gente mesmo ou o comportamento das outras pessoas, não são as "coisas".



DIRETAMENTE DE NOSSAS MATAS PARA SUA IGREJA INDÚSTRIA DE BANCOS PARA IGREJAS

JUSTINIANO NOGUEIRA — DIRETOR COMERCIAL

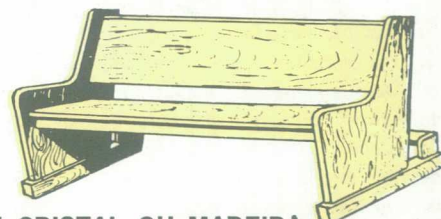
Peça um banco para demonstrações a:

Rua INÁCIO DE ARAÚJO, 104 — Fone: 93-3945

Cx. Postal 52 — 01000 — São Paulo

FABRICADOS EM IMBUÍVA DE 1.ª QUALIDADE,
COM SECAGEM DE OITO ANOS.

Serraria e fábrica
em Santa Catarina
Depósito e Escritório
em São Paulo



BANCOS EM CRISTAL OU MADEIRA

POR QUE PADRE CÍCERO NÃO SAIU DE JUAZEIRO

Enquanto o Pe. Cícero continuava, suspenso de ordem, pregando ao povo em sua casa e recebendo e orientando não só o povilêu, mas até pessoas ilustres, que o procuravam, Maria de Araújo, depois de voltar de Crato, foi viver humildemente em sua casa, no Juazeiro, continuou comungando aos domingos, trabalhando e rezando, sem que até 1914, quando morreu, jamais se tivesse repetido o tal "milagre".

O Pe. Azarias Sobreira, a nosso ver o mais qualificado biógrafo dele, justifica o fato de ele ter ficado em Juazeiro, com argumentos que aqui transcrevemos resumidamente: Pe. Cícero não teve forças para deixar aquele Juazeiro, que sua permanência lá transformou, de povoação humílima, na grande cidade progressista que lá está hoje. Num sonho que tivera antes dos "milagres", ele vira Jesus em pessoa lhe dizendo, perante grande multidão: "Cícero, você esta vendo aquela gente? Pois tome conta dela, e fique aqui cuidando de sua salvação." Ele estava tão convicto daquela ordem divina, como São José, quando em sonho o anjo lhe mandou fugir com Maria Santíssima e o Menino, para o Egito. Ele tinha medo de que, deixando a multidão de peregrinos ali, Deus o castigasse.

Era na seca de 1898. Ele plantou grande mandiocal na chapada do Araripe; pressentia que dali a pouco chegaria a seca de 1900. Com aquela mandioca, esperava salvar de morrer de fome milhares de peregrinos. Julgava crueldade abandoná-los. Não teve coragem.

Sua velha mãe, cega e parálitica, por nada deste mundo teria coragem de acompanhá-lo. Ele teria que abandonar a mãe, a irmã e várias pessoas que sustentava. Seu coração, afetivo como era, não resistiu. Tinha que ficar.

Além de tudo isto, embora vindo o fanatismo daquele povo,

CIDADES DO MEU BRASIL

LAGUNA (SC) — um nome na História do Brasil



Que brasileiro não ouviu falar de Laguna, no extremo sul da linha de Tordesilhas?

Para garantir as fronteiras ao sul contra a penetração de estrangeiros, em 1658 a Corte de Portugal convidou o bandeirante vicentista Domingos de Brito Peixoto a fundar a aldeia de Laguna. A povoação, surgida entre a lagoa de Sto. Antônio dos Anjos e o oceano, em 1714 passou à categoria de vila. Primeiro chamada de Sto. Antônio dos Anjos da Laguna, constituiu-se no centro dinâmico da colonização do Sul do Brasil. Este ano celebra o seu tricentenário.

Na Guerra dos Farrapos, em 29 de julho de 1839, a Câmara Municipal declarou o Estado Catarinense, subordinando-se ao sistema republicano riograndense. Foi quando a lagunense Anita, que se tornaria "heroína de dois mundos", conheceu

o comandante da frota rebelde, Giuseppe Garibaldi, nascendo o histórico romance entre ambos. No Museu Histórico, instalado no antigo Paço Municipal onde foi assinada a proclamação da República Juliana, exibem-se as lembranças de Anita Garibaldi.

A economia do município se baseia em dois pilares mestres: a pesca, que será incrementada com o novo porto pesqueiro de tecnologia moderna; e o turismo da cidade colonial, da veneranda matriz de Sto. Antônio dos Anjos com seus altares folheados a lâminas de ouro, das praias e costões de granito, favorecido pelos hotéis de categoria internacional.

População urbana: 17.682 hab.; população rural: 17.677 hab.

Colaboração de Judith Batista Remor.



condenado pelas autoridades eclesiásticas, Padre Cícero estava convencido de que o bem resultante de sua permanência ali seria mais glorioso para a Igreja e bem de milhares de pessoas, do que sua retirada.

Ao mesmo tempo que sabia estar desobedecendo ao bispo, tinha consciência de estar obedecendo a Jesus Cristo que lhe mandara ficar no Juazeiro. Imenso foi seu martírio. Mas estava

convencido de que era martirizado pelo bem do querido povo. Seria bom, antes de atirar pedras na memória do Pe. Cícero, lembrarmos que, em 1492, Joana D'Arc foi queimada como herege e mais tarde foi canonizada como santa pela autoridade suprema da Igreja. Também, como o Pe. Cícero, Joana D'Arc fora vítima de um sonho.

* * *

Meu pai estava de cama há quinze dias, a dor lhe fizera perder o conhecimento. Esta manhã o recobra, mas não pode falar. Somente os olhos e as mãos se tornaram expressivos. Com a lucidez aumentou a gravidade da doença de tal maneira, que correm em busca de um padre para que lhe administre os últimos sacramentos.

O sacerdote já havia começado a celebrar a missa e não pôde vir. Minha tia me diz:

— Você, que ajuda a missa, faça alguma coisa.

Eu tinha oito anos e fazia três anos que ajudava a missa. Tinha ouvido contar que aos moribundos se lhes sugerem jaculatórias e se lhes dá a beijar o crucifixo. Em meu livrinho de missa busquei jaculatórias e as fui sugerindo a meu pai, enquanto lhe dava a beijar um pequeno crucifixo. Meu pai me olhava com grande amor e muita complacência, queria dizer-me alguma coisa, porém, não podia falar. Só consegui pronunciar: “padre”...

Chegou o padre. Deu-lhe a unção dos enfermos e me disse:

— Continue, que já está fazendo bem.

Ele ficou rezando num canto do quarto. Com minha mão esquerda apertava a mão direita de meu pai e logo um calafrio passou para a minha mão. Papai tinha morrido. Então me faltou todo o valor que tinha sentido até aquele momento. O padre me aproximou de uma imagem da Virgem que estava num oratório, consolou-me e me fez rezar.

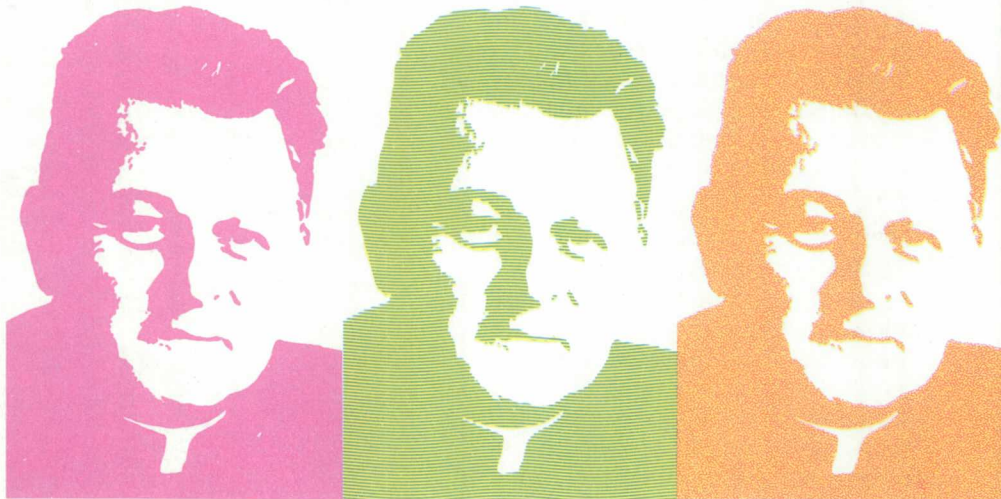
Entretanto, naquela manhã minha mãe caíra também doente. Agora ficava viúva com seis filhos mais um que ia nascer dentro de três meses. Minha irmã mais velha estava com dez anos.

Minha mãe guardou o crucifixo. Justamente seria o meu primeiro crucifixo de missionário.

QUANDO O EVANGELHO É COMPREENDIDO

Quem ama o pai e a mãe mais que a Mim, não é digno do Reino. Mas também quem ama o filho ou a filha mais do que o Senhor, não é digno do Reino.

Estas exigências do Reino têm colocado em situações extremas a muitos pais e mães de sacerdotes e missionários. Queremos chamar a atenção sobre estes testemunhos anônimos do Reino de Deus que, com sua atitude, colaboram para a extensão da mensagem de salvação para todo o mundo. Entre tantos casos selecionamos este que faz questão de não mencionar nomes.



* * *

Quando completei onze anos, revelei a minha mãe:

— Mamãe, quero ir para o seminário para ser missionário.

Ela me respondeu:

— Olhe seus irmãos, você é o mais velho dos homens e tem de me ajudar. Agora não pode ir, mas, se quiser, pode começar a estudar em casa.

Ela foi desde este momento meu primeiro mestre de noviços. Deixava-me em plena liberdade de consciência, porém, me ajudava a crescer vocacionalmente.

Ao fazer quinze anos, me disse:

— Agora você pode entrar no noviciado. Eu me arranjo com os seus irmãos.

Ela mesma me acompanhou ao noviciado. No noviciado aprendi disciplina religiosa, não aprendi, porém, nada de novo com relação a Jesus Cristo e a suas exigências. Mamãe já mo havia ensinado.

* * *

Veio a guerra civil espanhola e com ela a impossibilidade de comunicação e de viajar. Quando minha mãe me viu de novo, fazia pouco tempo que eu rezava missa. A emoção foi grande. A seu modo me deu seus conselhos “pastorais”:

— Agora vai precisar de muita bondade. A bondade pode tudo. O povo espera do padre a misericórdia e a bondade de Deus. Vejo isto até com minhas plantas. Se me descuido de uma, enfraquece e morre. Se as flores morrem por falta de carinho, quanto mais as pessoas.

Não nos pudemos ver muito, porque logo me destinaram ao estrangeiro. Cada dois ou três anos, por motivo de viagens de ministério, tive ocasião de visitá-la. Falava-me de suas experiências de Deus e continuava a dar-me seus conselhos “pastorais”. Sofria por minha saúde e cria que trabalhava demais (e acertava).



* * *

Um novo destino. Esta vez o estrangeiro já não ficava perto. Tinha de atravessar o oceano. Então só se podia voltar à pátria cada dez anos e ela sabia disso. Ao despedir-se de mim, confessei-me:

— Toda a ilusão de minha vida era que na hora da morte estivesse você a meu lado como estive com seu pai.

E me mostrou aquele crucifixo. Vê-se que a tristeza se desenhava em meu rosto e, para me consolar e para se consolar, completou:

— Olhe, vamos oferecer juntos o sacrifício de não nos podermos encontrar aquela hora. Porque eu tenho já muitos anos e estou enferma. Quando no seu novo destino chegar a notícia de minha morte, não chore, reze o Te Deum porque se terá cumprido a vontade de Deus.

Parti triste e consolado ao mesmo tempo, dando graças a Deus por ter despertado tanta fé em minha mãe.

* * *

Durante cinco anos fui recebendo regularmente suas cartas. Numa delas me escreveu: “Quanto me alegro de que sempre alguém da família possa estar adorando a Deus.” Assim dizia porque, na ocasião, duas filhas se tinham feito freiras e os três irmãos religiosos estávamos estrategicamente colocados: uma na Ásia, outra na Europa e eu na América. Quando anoitecia para um, amanhecia para outro, e assim sempre um de nós podia estar rezando. Ainda que ela nos superava a todos porque, não podendo dormir, passava grande parte da noite em oração.

* * *

Ao fim de cinco anos recebi uma carta de minha irmã contando que minha mãe tinha recebido o viático e a unção dos enfermos. Fui rezar para pedir mais intensamente por ela e preparar-me para receber o telegrama de sua morte. Mas chegou um telegrama muito diferente. Meus Superiores me chamavam à Casa Central a fim de formar parte de umas comissões de estudo. Aparecia a ocasião de ir vê-la.

Quando mamãe me viu entrar em seu quarto, me disse:

— Vê, Deus nunca se deixa vencer em generosidade.

Passei com ela uma semana. Celebrava a missa no seu quarto. Contou-me tudo o que queria contar-me e eu também. Numa noite me disse:

— Lembra-se do seu amigo X...? A mãe dele não o deixou ser missionário porque os missionários vão para longe e a mãe tem o direito de ter junto o filho sacerdote. E me dizia que eu tinha feito mal em deixá-lo partir. Eu respondia que não queria meu filho sacerdote para mim, senão para Deus. Pois bem, esta senhora com seu filho em casa, quando chegou a hora de morrer, não encontraram o filho em nenhuma parte: tinha saído de viagem. Pelo contrário, você estava a tantos mil quilômetros de distância e o Senhor me trouxe você.

* * *

Os sinos tocavam o ângelus da manhã.

— Por que esses sinos?

— São o toque do ângelus.

— Que dia é?

— Sábado.

— Ah! O dia do Coração de Maria!

Tirando o crucifixo do pescoço, me perguntou:

— Lembra-se dele? Pois já sabe o que tem de fazer.

Celebrei-lhe a eucaristia que ela seguiu com respiração difícil. Comungou e sentiu muita paz que transparecia no rosto. Tomei o crucifixo e lhe dava a beijar, repetindo-lhe as jaculatórias de seu gosto.

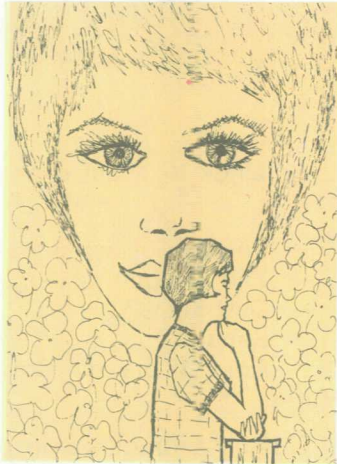
Morreu mais ou menos ao meio-dia, como meu pai quarenta anos antes. Vi muitos agonizantes, até religiosos, mas nenhum transparecia tanta paz.

* * *

Minha missão me tem exigido depois muitos sacrifícios e me tenho encontrado em situações difíceis. Nestas ocasiões me parece ouvir a voz de minha mãe: — Olhe, o Senhor nunca se deixa vencer em generosidade. Aperto aquele mesmo crucifixo e sigo adiante, agradecendo a Deus por me ter dado uma mãe missionária.



SEJA FEITA A VOSSA VONTADE



MARIÂNGELA, você escreve com tanto sofrimento por ter perdido a oportunidade (sonho máximo da sua vida) de uma viagem à Europa, num concurso, ganho por "quem não precisava" e que poderia fazer dezenas de vezes esta viagem.

"Aquela mulher, que tem absolutamente tudo na vida, havia de ganhar o concurso para o qual tanto me esforcei. Ela mora numa bela casa, tem filhos inteligentes e saudáveis e um marido perfeito. Ela é bem sucedida em tudo. Há alguns anos começou a pintar, pelo simples prazer, e acaba de expor alguns dos seus quadros numa galeria famosa com o maior sucesso. A vida dela é de uma perfeição tão absoluta que chega a doer (!) em quem não tem nada, como eu que "sou uma solteirona", sem sorte mesmo!"

Nas suas queixas, está bem claro um sentimento profundo de... inveja, fervendo por trás de cada palavra!

Conheci uma pessoa parecida com essa que você descreve, que era tida como a mulher de mais sorte do mundo, até que descobrimos que, por trás daquele casamento aparentemente perfeito, existiam problemas e agonias insuspeitas. Seu marido era alcoólatra e o filho mais velho acabou sendo condenado por porte de maconha. Coisas que ela sempre sofreu em silêncio, aceitando como se recebesse das mãos de Deus, sem revelar, nem reclamar...

Não se preocupe, apenas não estava nos planos de Deus esta viagem para você **agora**. Aconteça o que acontecer, tenha fé e aguarde. Tudo se transforma e não é possível que só as dificuldades (as suas) sejam inabaláveis e imutáveis. Dias melhores virão para você. Comece a contar e a agradecer as "graças" que recebe de Deus todos os dias.



TÉCNICA CULINÁRIA — MEDIDAS PADRONIZADAS

De vez em quando algumas leitoras escrevem com dúvida sobre a capacidade exata das medidas das nossas receitas.

Com a intenção de orientá-las (e a outras que tenham as mesmas dificuldades), quero explicar e ao mesmo tempo dar uma boa notícia: — O lançamento das Medidas Padronizadas (iguais às das nossas receitas) que poderão ser encontradas nos bons supermercados de S. Paulo!

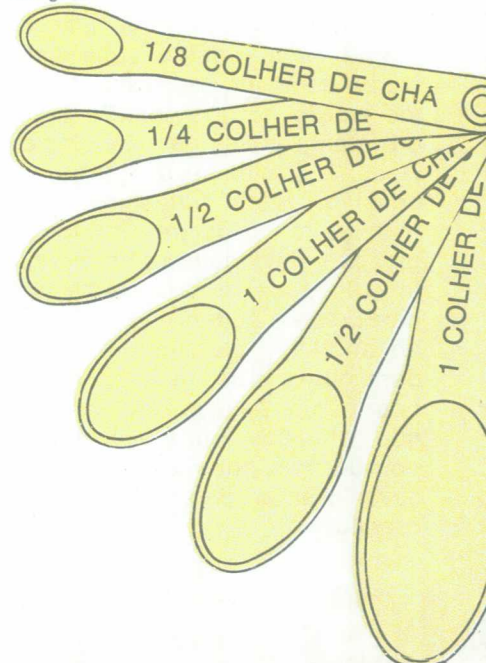
Essas medidas são como o "ingrediente" secreto que garante o sucesso. A receita do Bolo Chifon, por exemplo, já foi preparada milhares de vezes, sempre perfeita. O Bolo é excelente, com qualquer dos sabores: abacaxi, laranja, chocolate, banana, rapadura, etc. Mas as pessoas a quem dei a receita (todas que o experimentam querem saber como é feito), em geral, não conseguem o mesmo resultado. Elas chegam a pensar que eu

usei um ingrediente secreto (!) ou que a receita estivesse incompleta. Quando não é nada disso! O segredo (que já virou "Segredo de Polichinelo") consiste apenas no USO DAS MEDIDAS PADRONIZADAS, que de agora em diante estão ao seu alcance. É só procurar nos bons supermercados de S. Paulo e nas grandes lojas, o JOGO DE MEDIDAS CLÁUDIA, fabricados pela indústria de produtos plásticos HEVEA.

Faça uma experiência com a receita do Bolo Chifon a seguir, usando essas medidas, e com todos os ingredientes nivelados com o bordo das mesmas. A diferença aparentemente insignificante das medidas comuns pode ocasionar fracassos, perda de tempo, desgostos e até prejuízos. É realmente difícil acertar quando a receita determina 1 xícara, das de chá (!), de farinha ou de açúcar. A mesma dúvida nos assalta ao encontrarmos 1 copo, 1 cálice dos grandes (!), 1 prato, 1 pires, etc.

Há receitas que determinam as quantidades dos ingredientes em gramas, permitindo grande precisão, mas nem todas as donas-de-casa possuem balanças, e também pesar os ingredientes é mais demorado e trabalhoso do que tirar uma colherada.

Por outro lado, precisamos reconhecer a importância de seguir cuidadosamente as receitas. Tudo que ali está escrito é para ser feito e a técnica, obedecida em todos os detalhes. A melhor solução é, sem dúvida, o uso das Medidas Padronizadas que constam de 10 peças: — 1 xícara, 1/2 xícara; 1/3 de xícara; 1/4 de xícara; 1 colher; 1/2 colher, 1 colherinha, 1/2 colherinha; 1/4 de colherinha; 1/8 de colherinha. Esta última medida substitui a clássica "pitada" das receitas antigas.



BOLO CHIFON

- 2 1/4 de xícara de farinha
- 1 1/2 xícara de açúcar
- 3 colherinhas de fermento em pó
- 1 colherinha de sal
- 1/2 xícara de óleo de milho (de soja, de amendoim, etc.)
- 5 gemas sem bater
- 3/4 de xícara de água fria
- 2 colherinhas de baunilha
- 2 colherinhas de raspa de limão
- 5 claras
- 1/2 colherinha de cremor de tártaro (ou fermento)

Escolha uma forma de 25 cm de diâmetro, passe manteiga e polvilhe farinha somente no fundo. Peneire junto, em uma tigela, a farinha, o açúcar, o fermento e o sal. Faça uma cova e junte, na ordem em que estão, todos os ingredientes, menos as claras. Bata com colher de pau, até ficar massa lisa. Numa vasilha à parte, bata as claras com o cremor de tártaro até formar pontinhas finas ao levantar o batedor.

Despeje a primeira mistura sobre as claras e com movimentos leves, de baixo para cima, misture tudo muito bem. Despeje na forma já preparada. Asse em forno regular pré-aquecido (180°) durante 50 minutos.

Para esfriar, vire de boca para baixo, colocando-o sobre dois suportes para que o ar circule por baixo. Logo que esfriar, passe uma faca ao redor e vire.

VARIAÇÕES — CHIFON DE LARANJA: — Não use baunilha, nem raspa de limão, nem água. Use 2 colheres de raspa de laranja e caldo de laranja.

CHIFON DE ABACAXI — Não use água. Use calda de doces de abacaxi. Junte à cova dos ingredientes secos 1/2 xícara de abacaxi cozido, picado e bem escorrido.

CHIFON DE FLOCOS DE CHOCOLATE — Aumente o açúcar para 1 3/4 de xícara. Não use raspa de limão. Salpique sobre a massa pronta 1/2 xícara de chocolate em barra ralado grosso. Misture, envolvendo rapidamente.

CHIFON DE FRUTAS — Não use água. Use suco de uva. Junte 1 colherinha de canela em pó. No último momento misture levemente 1/2 xícara de nozes picadas, 1 xícara de passas, 1/4 de xícara de laranja cristalizada bem picadinha e passada na farinha.

CHIFON DE RAPADURA — Não use baunilha, nem raspa de limão, nem açúcar branco. Junte 2 xícaras de rapadura ralada aos ingredientes secos (medida apertada dentro da xícara).

COLCHA DE RETALHOS

Se você está pensando em fazer uma colcha de retalhos e se sente desanimada diante do imenso trabalho, no caso dos modelos costurados à mão, esta será a sua escolha. Além de grande beleza, tem a vantagem de ser toda costurada à máquina. Constando de apenas dois moldes: Um quadrado e um triangular.

Basta pregar 4 triângulos sobre os quatro cantos de cada quadrado, procurando alternar triângulos claros sobre quadrados escuros e triângulos escuros sobre quadrados claros.

Os retalhos devem ser cortados na medida absolutamente certa com 1 cm a mais para todas as costuras, sempre obedecendo o sentido da direção do fio do tecido para um final com caimento harmonioso sem partes retorcidas. Alfinete os triângulos sobre os cantos dos quadrados, direito sobre direito, e costure de modo que, ao virar, fiquem cobrindo os cantos dos quadrados. Passe a ferro antes de costurar um no outro.

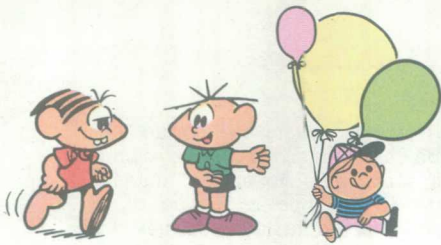
Para preparar o molde, comece cortando um quadrado de 20 cm. Dobre esse quadrado em 4 partes. O triângulo será a metade do quadradinho resultante. Corte os moldes em cartolina.



SESSÃO SUGESTÃO PRÁTICA



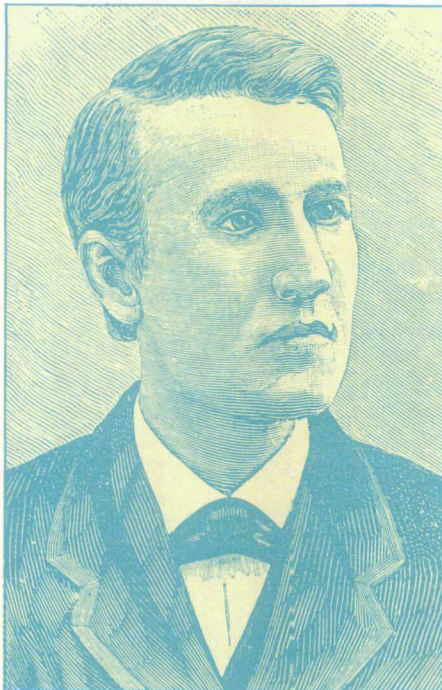
CAIXA DAS SURPRESAS — Quando uma criança pequena tiver que ficar hospitalizada por algum tempo, experimente esta idéia: Encha uma caixa com pequenos presentes embrulhados, separados e rotulados. Escreva na caixa, por exemplo: "As Surpresas do Toninho". Cada manhã ele terá que escolher um presente da "sua" caixa. Isso realmente dará a ele alguma coisa a fazer e o prazer de antecipar a próxima surpresa. Os presentes devem ser bastante pequenos para não tomar muito espaço.



Página infantil



UM PEQUENO INVENTOR DE CORAGEM



Tomás Edison nasceu na cidade de Milan, América do Norte, em 1847.

O pai tinha tanta vontade de inculcar no filho o gosto pela leitura, que pagava a cada livro que o menino lesse.

Com 10 anos, Edison já tinha lido a História Universal de Hume, "Roma", de Gibbon e, além de outros clássicos, lera também vários livros sobre química.

Feitos os doze anos, começou a trabalhar para ajudar a família. Empregou-se na Companhia de Estrada de Ferro Grand Trunk de Michigan. Andava de um vagão para outro, vendendo jornais, revistas e balas. Com sua simpatia e eficiência, logo progrediu. Tinha quatro meninos que trabalhavam sob a sua direção.

Interessava-se muito pela química e instalou um laboratório num velho vagão de carga. Lá passava todas as horas disponíveis, maravilhado com o resultado de suas experiências.

E nesse velho vagão instalou uma tipografia para editar um jornal. Sempre que ia buscar os jornais para vender nos trens, Edison observava cuidadosamente as máquinas impressoras. Com o gênio inventivo que tinha, tudo se tornava possível. O novo jornal chamava-se "Grand Trunk Herald".

O assunto era variado: crônicas, bate-papos, câmbio e informações que pudessem interessar os passageiros.

Os colaboradores eram os porteiros, foguistas e maquinistas do trem.

As impressoras tinham sido compradas do "Detroit Press" e reformadas.

O jornal agradou e o "Times" referiu-se ao "Grand Trunk Herald" dizendo que era o único jornal do mundo a ser impresso num trem.

Mas o jornal teve um triste fim. Com os solavancos do trem um vidro de "phosphorus" caiu no chão, provocando um começo de incêndio. E o chefe do trem deu uma sova no pobre Edison.

O menino era persistente. Guardou os restos de sua tipografia no barracão do fundo do quintal de sua casa. Quando tinha quinze anos, fundou um jornal melhor e maior, o "Paul Pry". Novas desafeições o perseguiram.

Alguém se ofendeu com um artigo do jornal. Encontrou Edison nas margens do St. Clair e jogou-o no rio. Felizmente sabia nadar.

* * *

A eletricidade fascinava Edison e no porão da casa de seus pais surgiram muitas invenções.

— Algum dia, o mundo ainda vai falar de meu filho — dizia sua mãe.

Foi um ato de heroísmo que lhe abriu novos caminhos. Um dia, ele viu o filho do chefe da estação que atravessava a linha justamente quando o trem chegava à estação. Edison salvou o menino com perigo de sua própria vida. O pai da criança ficou imensamente grato. Deu a Edison a oportunidade de aprender telegrafia, que lhe veio a ser muito útil. Trabalhava de dia, estudava à noite e fazia rápidos progressos.

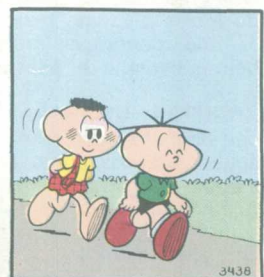
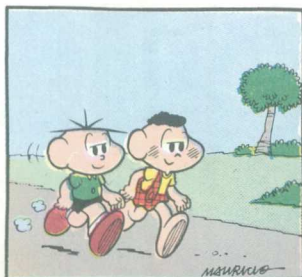
Conseguiu bons empregos, mas era continuamente demitido. Queixavam-se de que ele "tinha idéias demais".

Edison estava com 16 anos quando inventou o repetidor automático. E outras invenções se seguiram.

Chamavam-no de louco. Mas, indiferente às críticas, Edison continuava com suas experiências.

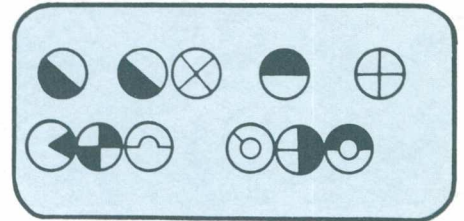
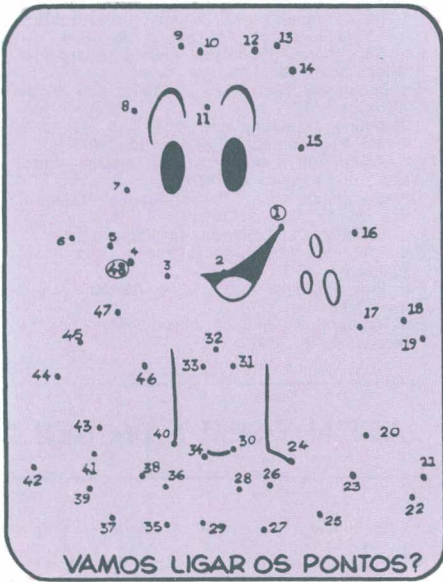
Sua mãe tinha razão quando dizia que o mundo ainda haveria de ouvir falar em Tomás Alva Edison.

Adaptação de Olga J. Ekman Simões

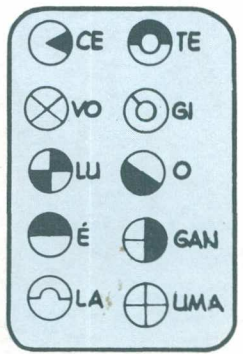




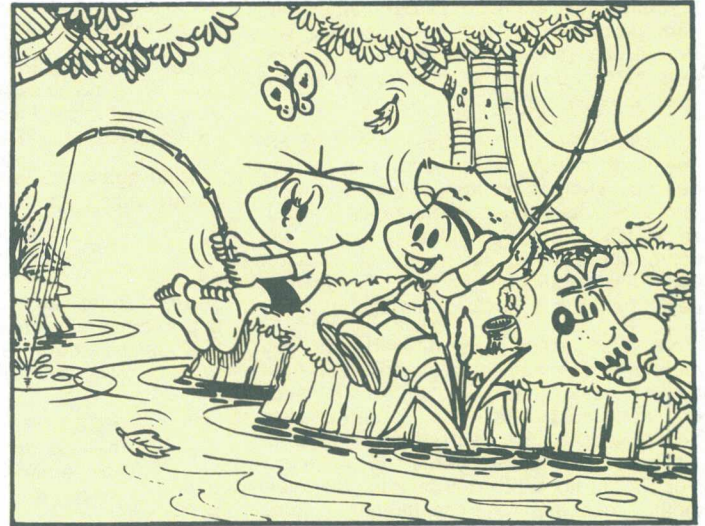
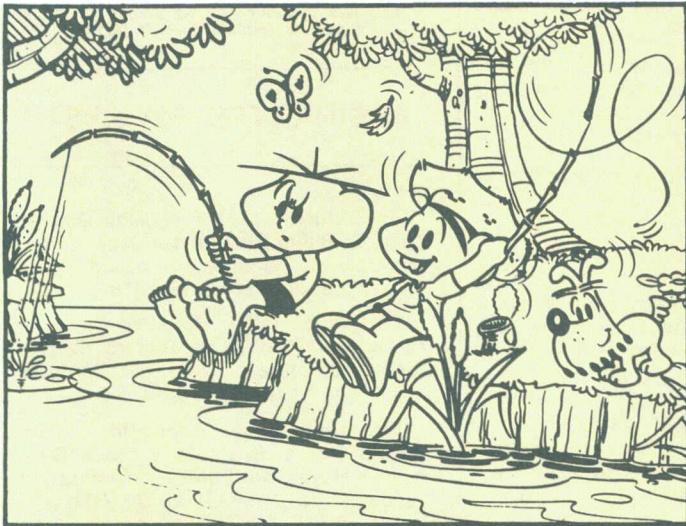
DIVERTIMENTOS



O CÓDIGO É ESTE! DESCUBRA A MENSAGEM!



560



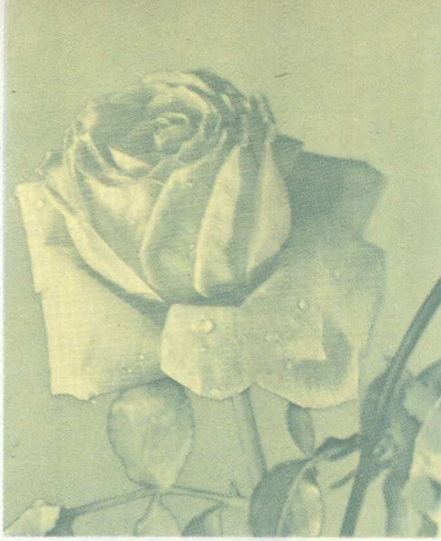
O JOGO DAS 7 DIFERENÇAS - MÔNICA, CEBOLINHA E BIDU FORAM PESCAR NAS MARGENS DE UM RIO E À SOMBRA DE ÁRVORES. ENQUANTO ELES SE DIVERTEM NESSE PROGRAMA TÃO GOSTOSO, VEJA SE VOCÊ ENCONTRA 7 DIFERENÇAS QUE HÁ ENTRE AS DUAS FIGURAS ACIMA.

Maurício

SOLUÇÕES:
 CRUZADINHAS - CADERNO, ABALOU, DAREI, ELES, ROI, NI.
 JOGO DAS 7 DIFERENÇAS - CANICO DA MÔNICA, LANTINA DE MINHOCAS, ANTENA DO CEBOLINHA, GALHO DA ARVORE, OLHO DO CEBOLINHA, ANZOL, FOLHA NO RIO. O PAPAGAIO ESTÁ DE CABEÇA PARA BAIXO, NO CANTO SUPERIOR ESQUERDO.
 A MENSAGEM DA MÔNICA É: "O OVO É UMA CELULA GIGANTE!"



CRUZADINHAS
 HORIZONTAIS E VERTICAIS:
 1. ONDE SE ESCREVE AS LIÇÕES.
 2. CAUSOU ABALO.
 3. VOU DAR.
 4. 12ª LETRA DO ALFABETO (PL.).
 5. DO VERBO ROER.
 6. SEM ROUPAS.



A ROSA... A VIDA... VOCÊ...

Vê, você passava por ela diariamente, mas não a percebia. Sentia um perfume diferente no trajeto de seu trabalho, mas não procurava saber quem o exalava. Porém, ela crescia em graça e beleza, pois sabia que com o decorrer do tempo você a encontraria.

Passaram-se horas, dias, meses e até que você passou a perceber tão radiosa beleza. Fitou-a por longo tempo e acariciou-lhe as pétalas aveludadas, deixou-se envolver por seu doce perfume. Foi como um mistério aquele encontro entre você e a majestosa rosa... entre seu pensamento e a Divina natureza...

Vê, ela passou a fazer parte do seu mundo. Você começou a analisá-la dentro de suas utilidades, dentro de seus encantos, do seu colorido, de seu charme de flor e botão, do seu perfume e graciosidade entre tantas flores do universo. Você a viu no canto dos poetas: rosa vermelha, rosa menina, rosa mulher... uma mistura entre a vida, a rosa, o amor e você.

Vê, de repente você foi encontrá-la tão humilde, exalando a essência da pureza aos pés do Cristo Crucificado, transbordando a paz que se encontra no templo, mostrando a você o Cristo... o chamado... as lágrimas... o encontro... e o verdadeiro sentido da vida... Deus.



**SETEMBRO,
MÊS DA BÍBLIA.
BÍBLIA DA "AVE MARIA",
A MELHOR TRADUÇÃO
EM LÍNGUA
PORTUGUESA**

Vê, agora você vai observá-la em seu lar, todos a admiram, fica alegre e festivo o ambiente familiar com a presença da nossa amiga: a rosa. E, quando ela aparece nos jardins, a natureza bate-lhe palmas, o vento a beija, a rodeia, lhe dá mais vivacidade e ela acaba sempre abraçando o vento... O orvalho sorri e dá mais vida para a rosa.

Vê, você fica pasmado quando uma criança travessa surge à sua frente, levando nas pequerruchas mãozinhas a rosa envolvida em papel colorido e brilhante, para ser dada à professora. Nesse momento você vê a troca de carinhos mútuos, a inocência levando o aroma da inocente rosa. A troca de beijos... a gratidão... o carinho... o sorriso... o amor... a amizade...

Vê, ela nunca a abandona. No ápice de suas utilidades, você vai encontrá-la cobrindo e enfeitando o corpo inerte de seu irmão, que partiu desta terra. Nesse momento tudo se mistura: a dor... a tristeza... a saudade... o vazio... o esmaecer da despedida. As lágrimas caem por sobre as rosas... Mas, elas permanecem ali, vivas... não choram... não murcham... não entristecem... Sabe, a rosa é uma mensagem de paz e amor e ali está a nos dizer: vê, eu sou como a vida, cresço, caminho como você nesta jornada difícil, dou-lhe colorido num dia triste e, quando não sirvo mais, quando estou despetalada, torno-me essência para perfumar muitas vidas.

Vê, atrás deste corpo inerte existe o renascer para uma nova vida: Cheia de amor... paz... felicidade... na presença de Deus... a Ressurreição.

Olhe agora o seu caminho, nele poderá haver: vida... amor... e rosas...

Vê, Manuel, você caminhou com a rosa e por onde passou deixou o perfume de sua amizade nobre e sincera. Agora certamente você a acolherá no céu.

**ROSA M. GOMES ARANHA,
ao ver as rosas sobre o corpo
do irmão, no mesmo dia da
morte do Ir. Manuel.**

NA PAZ DO SENHOR

Em Ressaquinha (MG): **Nilson Guido Sad Feres**, aos 21 de fevereiro de 1976;
Alberto Simão, aos 13 de julho de 1975.
Em Congonhas (MG): **Dolores Sena Appes**, aos 4 de maio de 1976.
No Rio de Janeiro (RJ): **Manuel Castelo Branco Villaça**, aos 29 de março de 1976.
Em São Paulo: **Francisca Franco Altenfelder Silva**, aos 6 de julho de 1976.
Em Bebedouro (SP): **João Zanelatto**, aos 30 de abril de 1975;
Angellino Franchin, aos 30 de out. de 1975;
Santo Senegh, aos 4 de fev. de 1975.
Em Aguai (SP): **Maria Braga Queiroz Pinto**, aos 10 de junho de 1976.
Em Campinas (GO): **Pedro Gomes Menezes**, aos 26 de fev. de 1975.
Em Goiânia: **Dr. Edilberto da Veiga Jardim**.
Em Aparecida (SP): **Ângelo Pasine**, aos 28 de junho de 1976.
Em Pouso Alegre (MG): **José Rigotti**, aos 8 de junho de 1976.
Em Itaguara (MG): **José Alves Júnior**, aos 14 de junho de 1976.

AGRADECEM FAVORES

Teresinha A. P. Correia de Moraes (Bernardino de Campos, SP) a N. Sra. Aparecida; Maria D. C. Mohallem (Pedralva, MG) ao Divino Espírito Santo; Iolanda Pereira de Faria ao Menino Jesus de Praga.

N.B.: Para a publicação de graças se requer a quantia mínima de Cr\$ 15,00.

ASSINANTES EM FESTA

Em Botucatu (SP), **Francisco Camargo e Benedita Mattos Camargo** comemoraram os 50 anos de casados, no dia 28 de dezembro de 1975.

Em Itajubá (MG), **Hermínio Pinto de Noronha e Maria José Ribeiro de Noronha** celebraram as bodas de ouro aos 17 de dezembro de 1974.

Em Carmo da Cachoeira (MG), **Miguel Naves do Prado e Maria Conceição Naves do Prado** comemoraram as bodas de prata aos 29 de julho p.p.

**PROJEÇÃO
DO ETERNO NO
PRESENTE**

Pe. José Martins da Silva

496 páginas Cr\$ 25,00

Pedidos ao autor:
Pe. José Martins da Silva
Casa Paroquial
35440 - DOM SILVÉRIO, MG

**LIVRO DE
HOMILIAS DOMINICAIS**

CURSOS GRATUITOS POR CORRESPONDÊNCIA

• INGLÊS	<input type="checkbox"/>	• PUBLICIDADE	<input type="checkbox"/>
• ALEMÃO	<input type="checkbox"/>	• VENDEDOR	<input type="checkbox"/>
• ITALIANO	<input type="checkbox"/>	• CORRETOR DE IMÓVEIS	<input type="checkbox"/>
• PORTUGUÊS	<input type="checkbox"/>	• AUXILIAR DE ESCRITÓRIO	<input type="checkbox"/>
• FRANCÊS	<input type="checkbox"/>	• DATILOGRAFIA	<input type="checkbox"/>
• TAQUIGRAFIA	<input type="checkbox"/>	• BANCÁRIO	<input type="checkbox"/>

A DIVULGAÇÃO BRASILEIRA DE CURSOS, Caixa Postal 7779, visando que as pessoas de todo o Brasil possam gozar desse privilégio, ganhar mais e progredir, abriu matriculas para seus cursos gratuitos por correspondência em lições fáceis e proveitosas. Você pagará ao receber o curso, apenas o pequeno valor de despesas. Envie já, sem compromisso, este cupom preenchido à Caixa Postal 7.779 - São Paulo.
Se quiser, você poderá pedir por carta.

CURSO.....
Nome:.....
Rua:.....N.º.....
Cidade..... Estado.....

AP-6

Patê Sadia.

A idéia
mais gostosa
que a Sadia
teve nos
últimos
tempos.



ACEITA UM CAFEZINHO? FOI COADO AGORA.



Um cafezinho sempre vai bem, não é mesmo?

Especialmente quando a gente está mais pra lá do que pra cá e precisa de uma injeção de ânimo.

Ou então quando você almoçou ou jantou bem e só falta um cafezinho para completar.

Está para nascer uma bebida melhor do que um cafezinho coado na hora.

Especialmente quando é Café Pelé.

Aí é melhor ainda, porque, além de ele ser gostoso, você sabe o que está tomando: ele é produzido pela Cacique

de Alimentos, a empresa que mais entende de café no Brasil.

O Café Pelé passa por um rigoroso controle de qualidade, desde a escolha do grão até o café já torrado e moído que você leva para casa.

Ele é empacotado sem contato manual e lacrado a vácuo. Por isso, conserva todo o seu aroma e sabor.

Agora você já sabe que café é este. Aceita um cafezinho?

CAFÉ PELÉ
- o café da família brasileira.

